BALEIA E CÃO-TINHOSO: UMA LEITURA COMPARADA DE PERSONAGENS DE GRACILIANO RAMOS E LUÍS BERNARDO HONWANA

João Victor de Avila Barboza(PROVIC/UEPG), Prof.ª Dr.ª Keli Pacheco(Orientador),
e-mail: kelipacheco@hotmail.com

Universidade Estadual de Ponta Grossa/Departamento de Estudos da Linguagem

Letras – Literatura Comparada

Palavras-chave: literatura comparada, literaturas de língua portuguesa, Brasil, África.

Resumo

A presente pesquisa teve como objetivo realizar um exercício de literatura comparada das obras *Vidas Secas* (1938), de Graciliano Ramos, e *Nós matamos o Cão-Tinhoso* (1964), de Luís Bernardo Honwana, enfocando dois contos em que as personagens animais são protagonistas. Através da leitura de teóricos que pensam a importância da literatura comparada entre Brasil e África, como Rita Chaves, Salvato Trigo, entre outros, bem como de alguma fortuna crítica, percebemos que a presença dos animais em ambas obras dialoga com os contextos de escrita, e o animal nelas figura como uma forma de exposição e de questionamento acerca da violência destas sociedades.

Introdução

Segundo Russel G. Hamilton (1999, p. 18), “Muitas das obras literárias produzidas em período de repressão política se caracterizam por reivindicação cultural, protesto social e uma crescente combatividade”. Sendo assim, a pesquisa realizou um estudo comparado entre duas obras das literaturas de língua portuguesa: a primeira do escritor brasileiro Graciliano Ramos, o capítulo “Baleia”, do romance *Vidas Secas* (1938); e a segunda do escritor de moçambicano Luís Bernardo Honwana, no conto homônimo do livro *Nós matamos o cão Tinhoso* (1964). Para a análise tomamos como foco as personagens animais. A hipótese é que tal presença se dá como forma de expressar e pensar a situação política e social dos referidos países.

Materiais e Métodos

As atividades desenvolvidas iniciaram-se com a leitura da totalidade das obras ficcionais, efetivando uma leitura mais atenta dos contos em questão. Também realizamos leituras de textos teóricos a respeito da temática. Os primeiros textos estudados foram de Alfredo Cesar Barbosa Melo (2016), de Rita Chaves (2006), Salvato Trigo (1977), Antônio Cândido (1975), e por fim, Eurídice Figueiredo (2002). Em rápidas linhas, estes discutem as questões relacionadas à identidade da literatura africana de língua portuguesa e sua relação com a literatura brasileira, bem como sobre a inserção desta na literatura luso-africana.

Em seguida foi lido um artigo que trabalha com o exercício de literatura comparada acerca da temáticado autoritarismo e da violência presente nas obras *Vidas Secas* (1938), de Graciliano Ramos, *Nós matamos o cão tinhoso* (1964), de

Luís Bernardo Honwana, e *Bandeira Preta* (1965), de Branquinho da Fonseca, de autoria da orientadora do trabalho em questão. Após as leituras teóricas foram empreendidas análises individuais dos textos literários; estudo do contexto histórico-político de cada uma delas; e cotejamento entre as obras.

Resultados e Discussão

Na década de 30 e 40 o Brasil vivia um regime de repressão e perseguição política. Segundo Keli C. Pacheco (2018, p.55) vivia-se uma "aparente transformação do regime, com o tenentismo liberal e a política getuliana, que mais proporcionaram uma convivência entre as oligarquias regionais e a nova burguesia industrial nos centros urbanos, no caso brasileiro". Nesse espaço político-social persecutório e violento surge o romance regionalista nordestino, caracterizado como uma literatura social, pois discute as realidades socioculturais de determinadas localidades, sem perder o caráter ficcional universal. Como se sabe, *Vidas Secas*, de Graciliano Ramos, é um dos romances inaugurais desse moderno estilo brasileiro regionalista.

A Baleia, personagem-animal presente em *Vidas Secas*, diferente de seus donos, tem traços característicos mais próximos ao humano do que as personagens humanas do livro, há portanto uma evidente subversão uma vez que o narrador expõe a subjetividade da cachorra. No capítulo intitulado *Baleia*, onde é narrada a morte do cãozinho, o narrador atribui várias características humanas à cachorra que não são comumente atribuídas aos animais. Sabidamente na literatura tem uma longa tradição, notadamente nas fábulas, da presença de animais que falam e tem sentimentos humanos, contudo em Ramos o que surpreende é a presença da subjetividade mais complexa na representação da cachorra, do que na família embrutecida pela realidade da seca.

Tanto Baleia quanto seus familiares ocupam o papel dos sertanejos que fogem da seca nordestina, vivem como "bichos", lutam contra as forças da natureza em busca da sobrevivência no sertão, e ainda sentem a miséria na pele.

* * *

O contexto literário em que foi produzido *Nós Matamos o Cão-Tinhoso* é o ano de 1964. Diferente de muitas outras obras conhecidas da literatura africana, esta não foi escrita após a independência, mas no momento da revolução pela descolonização, no auge da crise do neocolonialismo português em Moçambique.

O conto homônimo de Luís Bernardo Honwana narra a vida de um cão condenado à morte pelos adultos devido a sua velhice e aspecto. Como se sabe, para se impor ao colonizado, muitas vezes, o colonizador não utilizava apenas a força, mas o discurso. Por esse motivo, na narrativa, o cão precisava morrer pelas mãos das crianças e não dos adultos, pois toda tradição é perpetuada a cada nova geração.

Trata-se de uma observação relevante, uma vez que o Cão-Tinhoso estava presente nos lugares, com seu olhar e aparência que enojava e constrangia a quase todos. Embora muitos desejassem sua morte, não o expulsavam; com exceção dos representantes da instituição escolar, que se irritavam e o enxotavam. Isto confirma a hipótese de que o Cão-Tinhoso pode simbolizar a cultura nativa, subjugada pelo colonizador, mas impossível de ser retirada à força, já que secular e não adquirida de um momento para outro. Sobre isso Kabengele Munanga (1988, p.9) diz que:

> Convencidos de sua superioridade, os europeus tinham a priori desprezo pelo mundo negro, apesar das riquezas que dele tiraram. A ignorância em relação à história antiga dos negros, as diferenças culturais, os preconceitos étnicos entre duas raças que se confrontam pela primeira vez, tudo isso mais as necessidades econômicas de exploração predispuseram o espírito do europeu a desfigurar completamente a personalidade moral do negro e suas aptidões intelectuais.

O autor pontua ainda que, muitas vezes, para dominar totalmente os povos indígenas, além de menosprezar sua cultura, como foi exposto, era costume, também, negar-lhes a história, branqueando seu passado. É o que se confirma nesta fala do narrador:

> O Quim disse um dia que o Cão-Tinhoso era muito velho, mas que quando ainda era novo devia ter sido um cão com o pêlo a brilhar como o do Mike. O Quim disse-me também que as feridas do Cão-Tinhoso eram por causa da guerra e da bomba atômica... (p.6)

Ao longo da análise das personagens animais fica claro que elas difundem um desejo de questionar o que é o homem em contextos de violência. Por isso podemos comparar este fazer literário com a ideia de *práxis,* ou seja, uma ação objetiva, representada na literatura, que permite ao ser humano questionar e reconstruir a si mesmo e o seu mundo.

Fica evidente o papel da literatura na formação de uma consciência política e na fabricação de uma identidade cultural mais complexa. Como vimos, o fato da obra de Honwana e de Ramos estarem associadas a esse compromisso de denúncia, combate e de construção de uma identidade que não exclua os sujeitos e as culturas espoliadas, revela os mecanismos de funcionamento da opressão do dominador/colonizador. Assim, percebe-se que o recurso lingüístico é muito importante para essa construção, pois o escritor reinventa a língua do colonizador e do opressor e a utiliza como instrumento de libertação.

Enfim, as obras parecem construir uma memória coletiva, que não esquecem o seu passado de repressão, de espoliação e de discriminação social e racial. Contudo, os autores não se limitam à denúncia, vão mais longe, propondo também uma reflexão sobre o que é um homem ante a espoliação absoluta, procurando refletir sobre isso justamente ao figurar animais, que são o limite do humano, e assim trazem à tona uma reflexão sobre o próprio conceito de humanidade em situações em que o homem é destituído desta.

Conclusões

Sobre a presente pesquisa, podemos concluir brevemente o êxito do que nos propomos a fazer: demonstrar a importância que a literatura brasileira possui na literatura africana, por meio da comparação de *Vidas Secas* e *Nós Matamos o Cão Tinhoso* chegamos à confirmação de que as duas literaturas dialogam.

Agradecimentos

À UEPG pela oportunidade. Ao CNPQ e à professora orientadora, Dr.ª Keli Cristina Pacheco, pela orientação durante o desenvolvimento da pesquisa.

Referências

CANDIDO, Antonio. *Formação da Literatura Brasileira*, vol. 2. 5ª ed. São Paulo: USP, 1975.

CHAVES, Rita. A *literatura brasileira na imaginação nacionalista africana: invenção e utopias* In CHAVES, Rita (Org.); SECCO, Carmen (Org.); MACÊDO, Tania (Org.).

FIGUEIREDO, Eurídice. *Literatura, nacionalidade e identidade.* In: REIS, Livia de Freitas & PARAQUETT, Márcia (Orgs.) Fronteiras do Literário II. Niterói: EdUFF, 2002.

HAMILTON, Russell G. *A literatura dos PALOP e a Teoria Pós-colonial*. In: IV Encontro de Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa. São Paulo: USP, 1999.

HONWANA, Luís Bernardo. *Nós matamos o cão-tinhoso*. São Paulo: Editora Ática, 1980.

MELO,Alfredo Cesar Barbosa de. *Antropófagos devorados e seus desencontros: da "formação" à "inserção" da literatura brasileira.Literatura e Sociedade*, São Paulo, n. 22, p. 42-54, Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/ls/article/view/123483>. Acesso em: 10 de agosto de 2018.

MUNANGA, Kabengele. Negritude usos e sentidos. São Paulo: Editora Ática, 1988.

PACHECO, Keli C. Autoritarismo e violência nas literaturas de língua portuguesa: Graciliano Ramos, Branquinho da Fonseca e Luís Bernardo Honwana. In: Revista do NEPA – UFF, v. 10, n. 20, p. 49 – 65, jan. jun. 2018.

TRIGO, Salvato. *A emergência das literaturas africanas de expressão portuguesa e a literatura brasileira.* Porto, Brasília Editora, 1977.

RAMOS, Graciliano. *Vidas secas*. 83ª edição. São Paulo: Record, 2001.